

Diálogos entre o gênero *graphic memoir*, a educação linguística crítica e inclusiva e os letramentos

Dialogues amongst graphic memoirs, critical and inclusive language education, and the literacies studies

Diálogos entre el género memoria gráfica, la educación linguística crítica y inclusivo y literacias

RESUMO

Apresentamos resultados de pesquisa sobre o gênero *graphic memoir*, considerando-o em interface com a educação linguística crítica. Os estudos dos letramentos e a perspectiva bakhtiniana sustentam a análise. De maneira específica: (i) descrevemos o surgimento, principais características e a popularização desse gênero e (ii) aventamos diálogos entre "El Deafo" (Bell, 2014) e uma educação que contemple as pluralidades na construção de sentidos, a diversidade sociocultural e a inclusão. Concluímos que o *graphic memoir* se aproxima de outros gêneros, conquanto deles se diferencia por seu teor autobiográfico, e que o texto de Bell é oportuno para a discussão proposta.

Palavras-chave: letramentos; *graphic memoir*; educação linguística; educação inclusiva.



Recebido em: 22 de dezembro de 2022
Aceito em: 22 de abril de 2023
DOI: 10.26512/les.v24i2.46338

CADERNOS de LINGUAGEM & SOCIEDADE

Papers on Language and Society

Eliane Fernandes Azzari

eliane.azzari@puc-campinas.edu.br
<https://orcid.org/0000-0003-3861-0712>

Pontifícia Universidade Católica de Campinas
(PUC-Campinas), Campinas, SP, Brasil

Fernanda Pradella Travaglini

fernandatraglini.p@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6757-1762>

Pontifícia Universidade Católica de Campinas
(PUC-Campinas), Campinas, SP, Brasil

ARTIGO

ABSTRACT

We conducted research on the genre graphic memoir, taking into consideration its interfaces with critical language education. We ground our analysis on literacies studies and Bakhtinian propositions. Objectively, we: (i) describe the genre's origins, main features and its popularization, and (ii) propose dialogues between "El Deafo" (Bell, 2014) and an education that caters for meaning-making plurality, sociocultural diversity and inclusion. We conclude that graphic memoirs are similar to other genres, but its difference is its autobiographic element and that Bell's text is in accordance with the proposed discussion.

Keywords: literacies; graphic memoir; language education; inclusive education.

RESUMEN

Presentamos resultados de investigación sobre el género graphic memoir, considerándolo en interfaz con la educación crítica del lenguaje. Los estudios de literacias y la perspectiva bakhtiniana sustentan el análisis. En concreto: (i) describimos el surgimiento, principales características y popularización de este género y (ii) sugerimos diálogos entre "El Delfo" (Bell, 2014) y una educación que contemple las pluralidades en la construcción de significados, la diversidad sociocultural y la inclusión. Concluimos que el graphic memoir es similar a otros géneros, aunque se diferencia de ellos por su contenido autobiográfico, y que el texto de Bell es apropiado para la discusión propuesta.

Palabras clave: literacias; graphic memoir; educación del lenguaje; educación inclusiva.

Como citar:

AZZARI, Eliane Fernandes; TRAVAGLINI, Fernanda Pradella. Diálogos entre o gênero *graphic memoir*, a educação linguística crítica e inclusiva e os letramentos. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, v. 24, n. 2, p. 84-100, jul./dez. 2023. DOI: 10.26512/les.v24i2.46338. Disponível em: . Acesso em: XXX.

Correspondência:

Nome por extenso do autor principal
Rua XXX, número XXX, Bairro XXX, Cidade, Estado, País.

Direito autoral:

Este artigo está licenciado sob os termos da Licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).



INTRODUÇÃO

Neste artigo, apresentamos resultados de nossa pesquisa¹ que traça interfaces entre o gênero discursivo/textual *graphic memoir* (doravante GM), e a educação linguística crítica voltada à inclusão. De maneira específica, objetivamos: (i) estudar o surgimento, as principais características e a popularização desse gênero e (ii) aventar diálogos possíveis entre o GM "El Deafo", de Cece Bell (2014) e uma proposta de educação linguística em língua inglesa que contemple as pluralidades na construção de sentidos, a diversidade sociocultural e a inclusão.

Assim, trazemos resultados de uma investigação qualitativa e interpretativa (DENZIN; LINCOLN, 2007); que busca apoio teórico nos estudos dos letramentos e em proposições bakhtinianas acerca dos gêneros e da relação subjetividade/linguagem, entre outros trabalhos resultantes de uma pesquisa bibliográfica, para tecer a nossa discussão.

De nosso ponto de vista, nosso estudo se justifica em decorrência da pertinência de sua temática, não apenas pelas possíveis contribuições para o âmbito dos estudos da linguagem, como também para colaborar na difusão do papel da educação linguística na formação crítica. Por isso, escolhemos abordar o GM "El Deafo" porque se trata de narrativa multimodal em língua inglesa (verbo-imagética na forma impressa), de caráter autobiográfico, de uma criança surda e(m) suas incursões no ambiente escolar, que também tem desdobramentos em outros gêneros, situados no contexto digital.

Tomando como base os estudos dos letramentos, concordamos com Autora (2017) e advogamos uma educação linguística crítica em que sejam contempladas práticas sociais que permitam abordar subjetividades e identidades e que propicie a construção de sentidos outros em relação às línguas/linguagens e à experiência dos sujeitos-alunos.

Ademais, escolhemos discutir o tema trazendo à tona o texto de Bell (2014), que aborda uma pauta velada e, de modo geral, silenciada pelas esferas sociais: a educação de surdos. Dadas as barreiras linguísticas que encontram, estudantes surdos ainda ficam excluídos (e, muitas vezes, privados) do acesso pleno ao direito à educação e sua inclusão nesse âmbito ainda é tratada de modo precário.

1. CAMINHOS PERCORRIDOS

Para compreender a gênese do gênero GM foi necessário mobilizar diferentes ferramentas de pesquisa. Nessa empreitada, consideramos tanto o debate acadêmico acerca do uso dessa nomenclatura como, também, de maneira simplificada, os usos socialmente atribuídos a esse termo.

Nossa investigação seguiu a seguinte organização: inicialmente, conduzimos uma busca geral no espaço digital on-line para levantar a origem e as principais características do GM e para

¹ Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e ao CNPq pelo apoio à pesquisa.

compreender a (im)pertinência da denominação de tal escrita como gênero textual/discursivo. Em um primeiro momento, utilizamos a ferramenta Google Search para levantar como o termo GM se vincula aos principais resultados dessa busca. Essa etapa foi amparada metodologicamente pela etnografia digital. Pink et al (2016) indicam a etnográfica digital como abordagem flexível, passível de ser utilizada de acordo com as necessidades de cada pesquisa e de seus pesquisadores – que sempre têm especificidades únicas.

Ao digitar o termo "*graphic memoir*" na ferramenta de buscas Google Search os primeiros resultados elencados já revelaram, mesmo que de maneira sucinta, usos sociais associados ao termo que apareceu vinculado a blogs de leituras² em que são feitas resenhas de trabalhos desse gênero, por vezes acompanhados de links para a compra das obras resenhadas – o que nos permitiu observar a incidência do termo no mercado editorial.

A seguir, buscamos por trabalhos em plataformas de divulgação científica como Scielo e repositório CAPES (teses, dissertações e artigos científicos) que tratavam do GM. Assim, foi possível compreender o surgimento do GM, através da leitura de debates acadêmicos, bem como apontar suas principais características. Nosso levantamento bibliográfico demonstrou a existência de pesquisas anteriores que trataram da gênese do GM e de seus modos e meios de circulação. Dentre as referências encontradas, destacam-se os trabalhos de Silva (2018); Alary (2018); Dalmaso (2015); Figueira (2013); Oliveira (2013) e Kyler (2010).

Em um segundo momento, dedicamo-nos à leitura atenta de "El Deafo" (BELL, 2014), a fim de elaborar o *corpus* a partir de extratos da obra impressa, e buscamos por materiais correlatos a esse trabalho no espaço digital, em diferentes mídias. Nessa direção, fizemos novas buscas em plataformas como Youtube usando os termos "el deafo" e "el deafo cece bell". Dentre os achados dessa etapa estão postagens relacionadas a interpretações teatrais, feitas em resposta a diferentes atividades pedagógicas de leitura de "El Deafo". Encontramos também interpretações em ASL (American Sign Language, a língua de sinais norte-americana) e, também, o projeto de leitura da GM de Bell, feito pela própria autora.

A seguir, resumimos os resultados, trazemos alguns excertos do livro de Bell e apresentamos nossa discussão, com amparo nas bases teóricas que nos orientam.

2. ORIGENS, CARACTERÍSTICAS E POPULARIZAÇÃO DO GÊNERO *GRAPHIC MEMOIR*

Primeiramente, é preciso pontuar que, neste trabalho, empregamos o conceito de gênero (discursivo/textual) a partir do que discute Bakhtin (2016), que o define como tipos de enunciados de relativa estabilidade, que apresentam forma composicional, tema e estilo típicos. É a partir dessa

² Veja-se como exemplo: <https://www.hbook.com/story/graphic-memoirs-why-we-read-them-why-we-need-them/>; <https://mastersreview.com/graphic-memoir-tomboy-by-liz-prince/>; <https://litpick.com/review/tomboy-graphic-memoir-review-darkash375>. Acesso em 20 dez 2022.

noção que travamos diálogo entre diferentes perspectivas a fim de propor o entendimento de origens, características e caminhos que levaram à popularização do gênero *graphic memoir* (GM).

Grosso modo, GMs são textos compostos por narrativas verbo-imagéticas de caráter autobiográfico. Por suposto, contar histórias através de imagens é, por excelência, um feito humano e o signo imagético ocupa um espaço particularmente importante nas afetividades e possibilidades narrativas.

Nessa direção, Silva (2018, p. 23) aponta a centralidade da imagem na construção dos sentidos, culturalmente conectados. De acordo com a autora, esse é um fenômeno crucial em narrativas híbridas nas quais o texto imagético funciona como um fio condutor que contribui para que os/as leitor(a)s sintam, vivenciem uma experiência humana íntima que é narrada. Conforme Silva (2018, p. 21), esse tem sido um modo recorrente de "[...]compreender o mundo e revelá-lo aos outros".

Dessa forma, um GM pode ser concebido como um romance (devido à sua extensão), em que se constrói sentidos através da junção de elementos imagéticos e verbais. Doutra parte, a exemplo do que se vê nos quadrinhos, os elementos imagéticos presentes no GM são, essencialmente, desenhos e balões, enquanto os verbais são narrações, pensamentos e falas diretas de personagens, cujas temáticas, de modo geral, tangenciam (ou abordam de forma explícita) a vida pessoal do(a) autor(a). O termo "*memoir*", por excelência, já remete às narrativas autobiográficas, sendo que Couser (2012, apud DALMASO, 2015, p. 19), afirma que as autobiografias e *memoirs* são formas de narrativas de vida ("*life narratives*"), que se diferenciam em relação ao contexto cultural em que são empregadas. Diante disso, durante nossa empreitada pela (re)construção da genealogia desse gênero, emergiram algumas questões.

Uma delas diz respeito a uma possível confusão ou intercambialidade entre os termos GM e *graphic novel* (GN), uma vez que este último é também terminologia utilizada para designar um texto em que as narrativas são longas, compreendem temáticas adultas e a construção de sentidos é apoiada em quadrinhos. Ademais, por serem gêneros quadrinísticos, há que, em outra instância, pensar-se na diferenciação entre o GN e o GM e as próprias histórias em quadrinhos.

De acordo com McCloud, (1995, p. 08 apud SILVA, 2018, p. 25), quadrinhos são, em linhas gerais, "[...]imagens pictóricas e outras justapostas em uma sequência deliberada destinada a transmitir informações e/ou produzir uma resposta no espectador". Silva (2018) também recorre a Eisner (1989), para esclarecer que

[e]m sua forma mais simples, os quadrinhos empregam uma série de imagens repetitivas e símbolos reconhecíveis. Quando são usados vezes e vezes para expressar ideias similares, tornam-se uma linguagem – uma forma literária, se quiserem. E é essa aplicação disciplinada que cria a 'gramática' da Arte Sequencial (EISNER, 1989, p.8; apud. SILVA, 2018, p. 25).

Ainda sobre a natureza dos quadrinhos, Silva (2018, p.26), leitora de Ramos (2014, p. 21) afirma que “[...] os quadrinhos (podem ser entendidos) como um grande rótulo que agrega vários gêneros que compartilham a mesma linguagem em textos predominantemente narrativos”.

Na seara dos gêneros, é possível identificar diferenciação entre quadrinhos e os dois gêneros correlatos (GN e GM), ao destacar-se o aspecto autobiográfico (que é fator intrínseco do GM, mas dispensável em GN). Os GNs também se caracterizam e diferenciam dos quadrinhos tradicionais pelo fato de conterem temas mais densos, histórias mais longas e se direcionarem, desde suas origens, a um público mais adulto. Ademais, outra diferença fundamental é seu espaço de circulação de venda – enquanto os quadrinhos se popularizaram tradicionalmente com a venda em bancas de jornais, as GNs circulam nas livrarias – gerando “laços de relevância” (SILVA, 2018) do gênero com o público-alvo (leitor(a)es consumidor(a)es de romances). Nesse sentido, é durante as décadas de 80 e 90 que o termo GN passa a ser amplamente adotado pela indústria editorial.

De acordo com Oliveira (2013), o surgimento de um novo termo tal como o GN relaciona-se com a necessidade dos roteiristas/desenhistas de conquistar espaço e garantir sua inserção no mercado editorial – que, até então, estaria considerando produções quadrinísticas como menos prestigiadas, como “menor-arte” e, assim, tratando-as como menos dignas de conquistar um lugar nas estantes de livrarias. Para resolver esse impasse, teria então sido adotada a terminologia *graphic novel*, a fim de associar esses textos a outro gênero já consolidado, as “*novels*”, i.e.; o romance.

De modo geral, conclui-se haver um entrecruzamento discursivo entre interesses mercadológicos e a composição textual de GN e de GM que, de acordo com autores como Figueira (2013) e Oliveira (2012), apenas ganham tal rótulo para garantir uma fatia no mercado da leitura.

Apesar de reconhecerem os entraves discursivos desenvolvidos pelos autores supramencionados, Alary (2017) e Dalmaso (2015) entendem o GM como um gênero cuja origem remonta a outras questões, diferentes do contexto de surgimento dos quadrinhos (em produção inicialmente jornalística e com finalidade humorística). Dalmaso (2015), por exemplo, discorre sobre uma origem do GM em contexto “*underground*”, na estadunidense São Francisco, durante a década de 1950 – quando artistas produziam obras recheadas por suas experiências pessoais e com temáticas consideradas tabu naquela sociedade (tais como sexo e drogas). Nesse sentido, contribui também a discussão de Beaty (2009), retomada por Dalmaso (2015, p. 26), que esclarece que o movimento *underground* serviu como meio para que quadrinistas legitimassem seu trabalho – permitindo a inserção de experiências autobiográficas ou a “revelação de self” (nas palavras dessa autora). Assim, desde suas origens, o GM remonta a um movimento social de resistência, à necessidade da expressão de si e da (re)(a)apresentação de identidades.

Do levantamento que fizemos, destacamos também alguns livros que vêm sendo conceituados pelo público leitor em geral (e apontados no sites de livrarias) como exemplares de GM, dentre eles: Maus, de Art Spiegelman (1980); Persépolis, de Marjane Satrapi (2000); Fun

Home, de Alison Bechdel (2006); Marbles, de Ellen Forney (2012); Relish, de Lucy Knisley (2013); El Deafo, de Cece Bell (2014) e I Was Their American Dream, de Malaka Gharib (2019). Ao examinarmos esses exemplares, notamos que todos apresentam as seguintes características em comum: trata-se de livros extensos (com cem páginas ou mais); trazem narrativas que abordam a história (ou aspectos da história de vida) dos próprios autore(a)s; são textos escritos de forma multimodal, i.e.; a narrativa fundamenta a construção dos sentidos em composições verbo-imagéticas e, finalmente, todos os livros apresentam, como parte do estilo da narrativa e a exemplo do que acontece nos quadrinhos, balões com falas dos personagens.

De tal forma, como pontuado por Alary (2017, p. 29) há de fato questões mercadológicas que incidiram na utilização desses termos para distinguir GN e GM – mas, hoje, há também um uso social já consolidado dessas denominações. Assim, quadrinhos, *graphic novels* e *graphic memoirs* são distinguíveis aos olhos do público leitor, independentemente da maneira como o termo foi incorporado ao/pelo mercado livreiro. Nesse quesito, tais diferenças entre os gêneros se dão pelas especificidades da dualidade de aspectos visuais e verbais, que vêm da linguagem dos quadrinhos, através de construções autobiográficas, como salienta Dalmaso (2015, p.25), entendimento do qual Kyler (2010, p.5) também compartilha.

Esses achados fundamentaram nosso entendimento de que um GM compartilha elementos em comum com gêneros narrativos tais quais as autobiografias (histórias sobre/de si), os romances (em termo da extensão do texto) e os quadrinhos (no que tange à composição gráfica). Desse modo, pode-se afirmar que o GM é fruto de uma intersecção/hibridação entre outros gêneros textuais/discursivos, e que o trabalho com El Deafo (BELL, 2014), justifica o debate proposto a seguir.

3. O GRAPHIC MEMOIR EL DEAFO

O GM “El Deafo” (BELL, 2014) reúne os principais elementos apontados como característicos do gênero GM, a saber: conta uma história longa, de cunho autobiográfico/memorialístico (uma vez que trata da autora falando de fatos de sua própria infância) e emprega quadrinhos.

“El Deafo” surgiu inicialmente em publicações em uma página criada por Cece Bell, em meio digital on-line. Embora esse site não esteja mais disponível, há registros da página inicial em material cedido pela autora em entrevista ao jornal britânico The Guardian³.

Em 2014, após o sucesso da narrativa em meio digital, “El Deafo” foi publicado em versão impressa pela editora Amulet Books e, em 2015, conquistou o prêmio *Newbery Honor*. Ao vislumbrarmos a trajetória de “El Deafo”, notamos que a criação, a circulação e a leitura de textos

³ Disponível em: <https://www.theguardian.com/childrens-books-site/gallery/2015/aug/04/cece-bell-el-deafo-in-pictures>. Acesso em 20 nov. 2022.

(aqui entendidos como prática social), estão cada vez mais presentes no ciberespaço. Contudo, o espaço de prestígio das narrativas escritas ainda se dá através do livro impresso (cfe. Autora e Autora, 2022), processo que faz com que uma obra ganhe destaque nos meios literários, acesso às livrarias e bibliotecas e que, assim, encontre espaço em premiações, por exemplo.

Bell ainda mantém um blog⁴, através do qual interage com seus leitores (sobre El Deafo e outros de seus trabalhos). Nesse blog, há hiperlinks para “leituras em voz alta”, textos gravados pela autora e compilados em seu canal na plataforma YouTube⁵. Essa é uma rotina de Bell destinada a promover a acessibilidade, mas que também viabiliza uma prática letrada em que sons, expressões e entonações podem ser explorados e que, assim, inclui outras modalidades para a construção da narrativa e de seus sentidos. De tal forma, é possível afirmar que a narrativa do GM de Bell (2014) é pensada para a construção de sentidos tanto a partir do livro impresso quanto das manifestações feitas e divulgadas pela própria autora em ambientes digitais (ou pelo conjunto dessas produções). Portanto, a multimodalidade, para além da combinação verbo-imagem, é elemento que permite, inclusive, maior acessibilidade à obra – já que é possível escutá-la ou ainda assistir às cômicas interpretações que Bell faz, em seu canal no Youtube.

Aliás, explorando a plataforma YouTube encontramos outras (re)leituras de El Deafo: apresentações teatrais preparadas por alunos de escolas no Estados Unidos; leituras em ASL, a *American Sign Language* (língua norte-americana de sinais)⁶ e, inclusive, trailers da recente série do serviço de *streaming* da Apple TV, homônima ao GM, lançada em janeiro de 2022⁷.

Desse modo, percebe-se que a (re)construção dos sentidos na/da narrativa de Bell – que teve origem no ciberespaço, foi ao impresso e continuou sendo (re)contada no digital –, está apoiada com frequência em múltiplas modalidades. Ademais, é narrativa que trava diálogo com vozes de sujeitos oriundos de diferentes realidades e percursos sociais e pessoais. Esses textos orais (em áudios no YouTube), permitem que vivências de uma menina com deficiência auditiva narradas em El Deafo possam ser lidas e interpretadas por comunidades de ouvintes, o que expande o alcance dessa narrativa a pessoas com e sem deficiências.

O enredo de El Deafo gira em torno de um importante acontecimento na vida de Cecelia Bell, que contraiu meningite aos 4 anos de idade e que, por isso, após meses de internação hospitalar, enfrentou a surdez. O GM acompanha a vida de Cece – como a própria autora se intitula – dos 4 anos até a fase da pré-adolescência. A trama navega pelas amizades, relacionamentos (familiar e escolar) e revela sentimentos, vivências e comportamentos de Cece que, no texto

⁴ Disponível em: <https://cecebell.wordpress.com/>. Acesso em 20 nov. 2022.

⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCqumgDfE9869Kow_Kygavcq. Acesso em 20 nov. 2022.

⁶ Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=yUZcRHGWIXQ](https://www.youtube.com/watch?v=yUZcRHGWIXQ;).; <https://www.youtube.com/watch?v=TiDIzOGZWBC>; <https://www.youtube.com/watch?v=nnYZnT2yMTI>. Acesso em 10 jan. 2022.

⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NLcWBuiyays>. Acesso em 10 jan. 2022.

impresso, por exemplo, são perceptíveis através do casamento entre verbo e imagem, sendo que a segunda modalidade parece ser tão destacada quanto (ou até mais do que) a primeira (vide Fig.1)

Figura 1 - Captura de imagem do GM “El Deafo”



Fonte: BELL (2014, p.5)

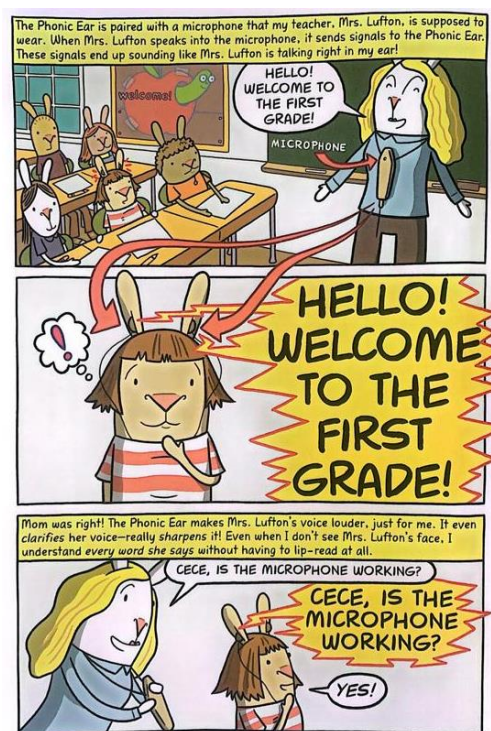
A perda de audição de Cece é representada através de imagens, sendo que, no projeto gráfico, as palavras (escritas nos balões de fala) vão sumindo gradativamente – o que representa visualmente a perda auditiva –, até que desaparecem completamente (à medida que a protagonista deixa de escutar), como pode ser visto nas Fig. 1 e 2.

Figura 2 - Captura de imagem do GM “El Deafo”



Mais adiante na narrativa, sons altos (que passam a ser escutados por Cece graças ao uso de um aparelho auditivo), também são representados graficamente através do uso de balões com cores vibrantes, como o vermelho e o amarelo (BELL, 2014, p.40). O próprio tamanho da fonte é alterado de acordo com a vivência/experiência da protagonista, indicando quando ela escuta ou não (veja a Fig. 3)

Figura 3 - Captura de imagem do GM “El Deafo”



Fonte: BELL (2014, p.40).

Ademais, através dos elementos visuais, ao longo do livro, percebe-se o quanto Cece fica impossibilitada de se expressar porque, embora não seja muda, a protagonista aparece falando poucas palavras, estando presente, mas não ativa, em eventos. Desse modo, vemos que a narrativa demonstra, através do jogo verbo-imagético e do projeto gráfico, fatos objetivos e subjetivos da vida de Cece. É através do jogo multimodal que temos acesso a informações mais profundas de sua subjetividade, representação de suas imaginações e anseios, delimitando o mundo infantil e demonstrando a experiência da autora, através da protagonista.

Durante o enredo de “El Deafo”, acompanha-se os processos de autodescoberta de Cece que passa a se identificar como criança surda – especialmente quando reconhece seu aparelho auditivo como constituinte de sua identidade e autoestima (BELL, 2014, p. 43). Nesse evento, Cece representa a si mesma como “o Batman”, ou seja, uma espécie de super-herói que, ao vestir seus aparatos, ganha superpoderes. Ao colocar o aparelho auditivo, Cece identifica-se capaz de “fazer

algo”, de atuar (e não apenas de participar) em eventos da sociedade o que, sem esse aparato, seria impossível acontecer.

Devido ao sistema de funcionamento do aparelho descrito por Cece (os interlocutores, no caso os professores, devem usar um microfone cujo som se amplifica no aparelho de Cece), a protagonista é capaz de fazer algo que nenhum outro aluno consegue: escutar seus professores que, durante conversas pessoais ou em momentos bastante peculiares, como quando estão no banheiro, podem esquecer de desligar o microfone. Esse aspecto passa a ser retratado como um elo que Cece encontra para fazer amigos, sentir-se (finalmente) querida, acolhida e desejada no ambiente educacional.

Não obstante o aparelho auditivo amplie as possibilidades de interação de Cece, é possível observar que a protagonista passa por um processo de oralização, não sendo iniciada no bilinguismo e sem acesso à ASL. Assim, em muitos momentos ao longo da narrativa, apesar de escutar com ajuda do aparelho, fica claro que Cece não consegue se expressar, o que é representado por diversos balões de pensamento e poucos balões de fala conectados à protagonista. Logo, esse encontro identitário é também desconcertante: o diferente é também solitário.

Em uma representação mais adiante na narrativa (BELL, 2014, p.69), vemos a protagonista ilustrando a si mesma como alguém que vive em um planeta diferente dos demais, demonstrando que, de fato, apesar de “fazer” e de ser “acolhida”, Cece não se sente parte das interações sociais e das culturas nas quais seus amigos ouvintes participam e se engajam. Cece parece não ficar apenas excluída da socialização – apesar de ter alguns amigos com quem interage bastante –, mas também de acesso a práticas de lazer, por não conseguir compreender desenhos animados, por exemplo (BELL, 2014, p. 74), uma atividade que faria parte do desenvolvimento de seus gostos e identidades como criança.

Como aponta Faraco (2011, p. 22), relido por Rojo e Moura (2019, p. 50), o autor-criador pode ordenar seu conteúdo sob diversas perspectivas: um olhar trágico, cômico, heroicizante, lírico, satírico (entre outras tantas) e buscar a forma composicional (romance, poema, drama, conto, entre outros) que melhor ampare a sua criação. Por consequência, *El Deafo* pode ser entendido como uma obra de perspectiva possivelmente heroicizante, contada através da forma composicional do *graphic memoir*. O próprio título “*El Deafo*” remete diretamente à nomeação de super-heróis, o que é reiterado pelo próprio desenho da capa do livro que (re)(a)presenta Cece voando pelo céu com uma capa vermelha. Porém, ressaltamos que, de nosso ponto de vista, o livro tateia nas fronteiras do clichê capacitista, que representa a pessoa com deficiência como alguém “especial”, romantizando uma experiência que, no mínimo, traz abalos emocionais e consequências sociais – efeitos do capacitismo no indivíduo com deficiência.

Apesar da metáfora do super-herói ser o bálsamo, uma espécie de bote salva vidas em que Cece ancora sua subjetividade, identidade e percepção de si no mundo – o que acontece ao se

comparar com Batman –, é também a outra face da moeda do irreversível: maquiagem dos efeitos insuperáveis de uma doença (meningite) que ocasionou a perda de audição.

Um aspecto crucial da obra de Bell (2014) que chama a nossa atenção é a própria representação gráfica da protagonista e de outras personagens: ao invés de serem desenhadas como figuras humanas, são todas ilustradas como coelhos que (por ironia ou não), são animais conhecidos pela sua alta capacidade reprodutiva e excelente audição, graças a suas orelhas gigantes. Apesar do primeiro aspecto da imagem popular destes animais ser irrelevante para esta análise, o segundo não o é, pois pode estar representando (ou dando vasão a) um desejo mais profundo e inatingível da Cece-adulta, sujeito-autora, hoje: o desejo de também escutar, e de escutar bem. Ao mesmo tempo, as “orelhas de coelho” podem servir de alegoria às capacidades de audição expandidas e proporcionadas pelo objeto “aparelho auditivo”, uma vez que é esse aparato que permite que Cece escutar.

De tal forma, acreditamos que as representações gráficas e os signos verbais são escolhas reveladoras da subjetividade de Cecelia Bell que, enquanto criança-surda e autora-surda, retrata e rememora sua própria infância em imagens e palavras – elementos que se complementam e que revelam, em totalidade, sentimentos de não-pertencimento, angústia e que, ao mesmo tempo, remetem à descoberta da vida, momento vivenciado por toda criança.

Por conseguinte, em contexto educacional, é possível abrir diálogo com esse GM não apenas com alunos mais jovens (o livro é tradicionalmente destinado ao público infantil), mas também outros já mais crescidos, uma vez que reflexões profundas sobre estruturas sociais, preconceitos e experiências subjetivas podem ser levantadas e incorporadas no repertório de saberes e no repertório pessoal dos educandos.

4. EL DEAFO, AUTOBIOGRAFIA E A EDUCAÇÃO LINGUÍSTICA CRÍTICA VOLTADA À INCLUSÃO, PELO VIÉS DOS LETRAMENTOS

Em sua entrevista ao The Guardian, Bell elabora um importante recorte sobre seu processo de criação contando que, inicialmente, foi criando El Deafo em papéis soltos, de modo espontâneo e que, depois, juntou essas partes. Esse processo da escrita indica uma constante reconstrução das memórias, vivências e percepções de Bell que, à medida que os fatos são remontados, (re)identifica-se. Identidade e biografia dialogam intimamente com a própria história e sentimentos do sujeito-autora do GM. Assim, o olhar autobiográfico é, necessariamente, um ato dialógico em que duas versões de um mesmo sujeito se unem para compreender e criar uma narrativa baseada em fatos objetivos (datas, eventos) e subjetivos (emoções, sentimentos, lembranças afetivas etc.).

De acordo com Arfuch (2010, p.115), o termo “biográfico” remete a um amplo campo discursivo que abarca vários gêneros, que estão conectados por carregarem narrativas da vida, seus fatos e subjetividades como núcleo de tematização. Na narrativa autobiográfica, há então a incidência do que Ricoeur (1985 apud ARFUCH, 2010, p. 116) nomeia por “identidade narrativa”.

Disso conclui-se que, por mais que uma narrativa seja baseada em eventos objetivos, datados em uma vida, sua narrativização é sempre um ato de escrita/fala ficcional, submetida à (re)construção de eventos e à interação entre (ao menos) duas subjetividades: a atual, que relembra e reconta os fatos sob sua ótica presente, e a subjetividade de ontem, que efetivamente vivenciou e sentiu tais fatos – daí o dialogismo inerente à autobiografia.

Bakhtin (2016, p. 86) também elucida esse acontecimento quando trata da interpretação textual como "reflexos do reflexo", ou seja, interpretações estão sempre (inter)conectadas em uma teia com outras vivências – em uma cadeia enunciativa entre enunciados passados e outros em devir. Nesse viés, entende-se que a Cece adulta, autora e desenhista é posição-sujeito composta de inúmeros discursos-experiências (constituintes de sua subjetividade presente), que a Cece-criança, narrada em *El Deafo* efetivamente viveu, mas que, no momento (tempo-espaço) dessas vivências, a Cece-adulta ainda “não é”. São diferentes posições-sujeito, das quais emergem diferentes subjetividades, atravessadas por diversificados discursos e, portanto, constituídas de maneiras distintas – embora estejam ambas personificadas em Cece Bell.

Portanto, a autobiografia inerente a esse GM nada mais é do que um processo narrativo em que se recupera fatos, eventos e experiências que são tanto objetivos quanto subjetivos sob o olhar de um sujeito que é o mesmo, mas é outro, cuja subjetividade é do "eu-hoje".

Conforme proposições bakhtinianas, relações dialógicas se dão no encontro entre enunciados em que "[...]se cruzam, convergem, divergem diferentes pontos de vista, visões de mundo, correntes" (BAKHTIN, 2016, p. 61). No entanto, isto não significa que enunciados novos não criam algo igualmente novo. Pelo contrário, todo enunciado, nessa perspectiva, cria e coloca sempre algo inédito no mundo, porque toda a enunciação, enquanto ato, é única e singular. Entretanto, esses enunciados são sempre criados através daqueles enunciados que já foram dados, como esclarece Bakhtin (2016, p. 95).

A criação narrativa (que no caso da versão impressa de *El Deafo* é feita através de imagem e verbo) se dá então como um processo de objetivação que, segundo Bakhtin (2016), é um processo de colocar-se ao externo, extrapor-se. É nesse/desse fenômeno que nasce a possibilidade de uma relação dialógica consigo mesmo. Sob tal viés, vemos o trabalho de Bell (2014) como uma representação exata deste fenômeno – um *graphic memoir* em cuja narrativa há o encontro de (ao menos) duas (ou mais) vozes na criação de um enunciado chamado *El Deafo*.

Essa discussão teórico-analítica conduz à reflexão sobre diversos episódios isolados observados na narrativa de Bell: a perda da audição, o início do uso do aparelho auditivo, a autoidentificação com um super-herói (Batman), episódios que se conectam e que formam um conjunto identitário da personagem Cece, narrada por Bell. Ainda de acordo com Bakhtin (2020, p.4), entende-se que é na união desses fragmentos que se forma o todo da personagem que, por sua vez, tem uma “consciência outra”, da sujeito-autora que se transfere à da personagem, e que, nessa posição sujeito da enunciação (i.e.; na escrita da GM *El Deafo*), sabe mais do que a

personagem Cece (sujeito-narrada enquanto narra a história) – podendo, assim, unir seus elos aos elos da narrativa como um todo (BAKHTIN, 2020, p. 11).

É nessa troca, nesse diálogo estabelecido entre essas subjetividades, que acontecem as identificações que constituem a Cece Bell-autora e Cece-personagem – uma compreendendo um todo e outra feita de partes, respectivamente. Cece já adulta e autora “recria” a consciência de Cece criança (e[m] personagem), ao recuperar e narrativizar suas memórias – tecendo uma teia dialógica de olhares, vivências e experiências.

Nesse sentido, defendemos que o gênero GM, como em seu exemplar *El Deafo*, seja um material favorável para o trabalho com vistas à promoção de experiências relevantes na educação linguística, especialmente a partir da perspectiva dos letramentos.

Grosso modo, letramentos são aqui entendidos como processos educacionais em que ocorrem interpretações dos sentidos (inerentes, inseridos e presentes), construídos em/por textos de quaisquer modalidades, o que implica também lidar não somente com a compreensão, mas também com a interpretação crítica dos signos que materializam esses textos⁸. Cope e Kalantzis (2000, p. 18 apud. MONTE MÓR, 2008, p.5) apontam que, fundamentada por essa visão de letramentos, é papel da pedagogia desenvolver uma “epistemologia de pluralismos”, em que as pessoas não tenham que apagar ou deixar de manifestar diferentes subjetividades durante processos educativos.

Nesse sentido, a fim de promover a educação linguística crítica, torna-se crucial desenvolver o trabalho com narrativas oriundas de sujeitos com diferentes experiências e atravessados por acontecimentos diversos. Ainda, uma orientação epistemológica pluralista dá a ver e a ouvir vozes tidas em lugar de menor prestígio ou de exclusão (de acordo com parâmetros sociais), nos contextos de educação linguística (no caso da presente discussão, como *El Deafo* é uma obra em língua inglesa, pensamos aqui uma possível inserção desse GM nesse contexto educacional). Nessa direção, entendemos que GM de Bell (2014) se apresenta como uma oportunidade para que a voz desses sujeitos-surdos possa ser ouvida em aulas de língua inglesa – assim como podem ser gerados tempos-espacos em que sejam problematizadas questões de inclusão, a partir desse texto.

Ademais, como sugere Monte Mór (2017), os processos envolvidos nas construções de sentido multimodais oferecem maneiras outras de expressar e comunicar. Essa estudiosa também salienta que o emprego da tecnologia deve ser visto como mais do que a simples adoção de aparatos tecnológicos, mas como um meio ativo para criar sentidos. Assim, o GM de Bell (2014) para além de sua forma impressa, mas também através de suas (re)criações no ciberespaço, apresenta igual potencial para, em seu conjunto, proporcionar uma experiência significativa a

⁸ O termo texto aqui é entendido de forma mais ampla, para além do verbal, em suas diferentes formas e modos de manifestação, como propõe Bakhtin (2016).

estudantes com diferentes graus e formas de acesso a textos, durante a educação em língua inglesa.

O gênero GM – no trabalho com "El Deafo" –, por proporcionar tantos intertextos em outras plataformas, inclusive aquelas com produções elaboradas por outros sujeitos além de Bell, oportuniza um diálogo direto com o potencial criativo, reflexivo e pessoal dos sujeitos-estudantes. Assim, podemos pensar também na exploração de múltiplos sentidos entre verbo, imagem e audiovisual, suas complementações e divergências, e na criação de espaços para incentivar e provocar as habilidades criativas dos estudantes para criarem seu próprio GM, narrando suas memórias e expressando suas subjetividades e olhares para a vida.

De acordo com Cope, Kalantzis e Pinheiro (2020, p. 147), as pedagogias dos letramentos críticos devem ser organizadas em torno das vozes dos alunos e seus mecanismos para articular sua experiência e conhecimentos de fundo – só assim exercita-se também a democracia em ambiente escolar. Desta maneira, reconhecer a(o) outro, à alteridade, é também parte do processo de reconhecer-se: como igual ou diferente, como posição social que ocupa e, ainda mais importante, reconhecer qual o papel da própria agência perante um mundo recheado de preconceitos e estratificações. Nessa direção, trabalhar com El Deafo pode proporcionar o ouvido à voz de Cece e pode evocar, nessa perspectiva epistemológica, uma troca genuína de saberes entre estudantes – suas vivências prévias, concepções e saberes teóricos sobre a temática do capacitismo, por exemplo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, retomamos resumidamente os resultados de nossa pesquisa acerca das origens, da popularização e de empregos sociais do gênero "*graphic memoir*". Ademais, apresentamos uma possível leitura crítico-analítica do GM "El Deafo" (2014), da autora surda Cece Bell, apontando aspectos relevantes dessa narrativa verbo-visual em sua forma impressa e, também, destacando outras formas e desdobramentos desse texto que encontramos em circulação em ambientes digitais.

Além disso, tratamos da relevância da temática autobiográfica, marca distintiva do gênero *graphic memoir*, para o traçado de relações dialógicas que implicam a manifestação/representação de subjetividades e identidades e, no caso do trabalho de Bell (2014), da narrativização de uma criança surda e(m) suas relações em contextos educacionais, sob o ponto de vista de seu eu-adulto, agora na posição sujeito-autora, que retoma suas experiências e sentimentos para materializá-los verbo-imagetivamente.

Dentre nossos objetivos, propusemos inter-relacionar o GM de Bell à proposta de uma educação linguística em língua inglesa que, orientada pelo viés dos letramentos, promova

necessárias discussões, problematizações e acesso a textos plurais e diversificados, visando a formação cidadã e a inclusão em contextos educacionais.

Sabemos que nossa proposta, não obstante aproxime importantes aspectos teórico-práticos em relação ao gênero estudado e às questões de linguagem e educação abordadas, é apenas um retrato breve e parcial do tema e que, por sua incompletude, requer maiores investigações e debates – o que nós, a partir deste trabalho, esperamos ter estimulado.

REFERÊNCIAS

- ALARY, V. La literariedad iconotextual en la novela gráfica hispana: prolegómenos. *Caracol*, São Paulo, v. 1, n. 15, p. 27-50, jan. 2018. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/caracol/article/view/138672/140063>. Acesso em: 01 dez. 2021.
- AZZARI, E. F. Articulações possíveis entre manifestações em paisagens linguístico-semióticas no ciberespaço e (uma) educação linguística crítica. In: ROCHA, C. H.; EL KADRI, M. S.; WINDLE, J. A. (Org.). *Diálogos sobre tecnologia educacional: educação linguística, mobilidade e práticas translíngues*. 01ed. Campinas: Pontes, 2017, v. 01, p. 59-92.
- AZZARI, E. F.; NASCIMENTO, I. T. V. Letramentos, narrativa transmídia e multimodalidade: percursos entre o tipográfico e o digital. *Olh@res*, revista do dep. de educação, UNIFESP, 2022.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Bocharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: WWF, 2020.
- BELL, C. *El Deafo*. New York: Harry N. Abrams, 2014.
- COUSER, Thomas G. *Memoir: An Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- DALMASO, R. L. Disability and metaphor in the graphic memoir. 2015. 189 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/160541>. Acesso em: 10 jan. 2022.
- DENZIN, N. K, LINCOLN, Y. S. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.
- FIGUEIRA, D. A. A. G. Romance gráfico e discursos sobre o amadurecimento das histórias em quadrinhos. In: *Anais da 2a Jornadas Internacionais de histórias em quadrinhos*, 2., 2013, São Paulo. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes, 2013. p. 1-15. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/anais2ajOrnada/anais2asjOrnadas/anais/3%20-%20ARTIGO%20-%20DIEGO%20APARECIDO%20ALVES%20GOMES%20FIGUEIRA%20-%20HQ%20E%20MERCADO.pdf>. Acesso em: 04 jan. 2022.
- KALANTZIS, M.; COPE, B.; PINHEIRO, P. *Letramentos*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.
- KYLER, C. Mapping a Life: Reading and Looking at Contemporary Graphic Memoir. *CEA Critic*, v. 72, n. 3, p. 2–20, 2010. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/44378421>. Acesso em 06 jan. 2022.
- MONTE MÓR, W. Critical literacies, meaning making and new epistemological perspectives. **Revista Electrónica Matices en Lenguas Extranjeras** No. 2. Bogotá, Colombia: Universidad Nacional de Colombia, 2008.

OLIVEIRA, M. A. F. de. Depois da última página: intertextualidade entre hqs e literatura na graphic novel a liga Extraordinária. 2012. 187 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/106909/319584.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 21 nov. 2021.

SILVA, C. S. C. Novas leituras, histórias de outrora: transposição de obras clássicas para o gênero graphic novel. 2018. 152 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2018.

O(A) AUTOR(ES/AS)

Eliane Fernandes Azzari

Doutora e mestra em Linguística Aplicada pelo IEL/Unicamp, com estágio pós-doutoral na FFLCH/USP. Professora e pesquisadora do PPG- Linguagens, Mídia e Arte, da PUC-Campinas. eliane.azzari@puc-campinas.edu.br

Fernanda Pradella Travaglini

Graduada em Letras: português (licenciatura) pela PUC-Campinas. Desenvolveu dois projetos de pesquisa de Iniciação Científica (2020-2022) com financiamentos do CNPq e da FAPESP. fernandatravaglini.p@gmail.com